

CATULO DA PAIXÃO CEARENSE, A SUA RECEPÇÃO EM PORTUGAL E ALGUMAS INTERROGAÇÕES SOBRE O REGIONALISMO

Fernando Cristóvão (Universidade Clássica de Lisboa)

A reflexão sobre a amplitude e os valores do chamado “regionalismo” pode ganhar nos nossos dias o prestígio suficiente para recuperar o tempo e as energias perdidas na multiplicidade de equívocos que têm caracterizado tal área da literatura.

É que, até aqui, talvez não se tenha ainda meditado o suficiente sobre a natureza dos textos apelidados de regionalistas, e sobre a sua recepção para além das fronteiras regionais ou nacionais, nem refeito, a partir dessa meditação, o seu conceito.

O caso da poesia cabocla e populista de Catulo da Paixão Cearense bem pode trazer nova achega para essa reflexão, por isso nos interessamos por ela; por ilustrar, eloqüentemente, o capítulo do sertanismo, adentro da literatura nordestina brasileira e do regionalismo em geral.

Ilustração essa rica de sugestões, tanto em relação aos seus limites e equívocos, como exponencial dos valores autênticos (tanto humanos como estéticos) sobre que ela assenta.

Catulo da Paixão Cearense cujas obras publicadas tiveram larga circulação no Brasil e em Portugal (entre nós, sobretudo nas décadas de 30 e 40), conheceu entre os portugueses a celebridade que costuma ser apanágio dos grandes criadores literários, ombreando, durante um tempo, com os mais altos expoentes da poesia do Brasil.

Dum modo geral se pode afirmar que o fervor com que a poesia de Catulo foi recebida em Portugal em tudo foi paralelo ao que se processava no Brasil: vibrante, entusiástico, excessivo. E também o seu desvanecimento foi demasiado rápido, dando lugar a pronunciamentos críticos severos.

Com efeito, José Osório de Oliveira — o grande divulgador da

literatura brasileira em Portugal nos anos 30 e 40 —, refere a grande popularidade da poesia de Catulo, em artigo datado de 1929 na *Seara Nova*, nestes termos: “Em Portugal, quase só se conhece a poesia brasileira e, desta, Olavo Bilac e, agora, Catulo Cearense. Não há dúvida que os brasileiros são como os portugueses, naturalmente líricos e mais dados à poesia que à prosa”.¹

O mesmo testemunha o malogrado poeta Carlos Queirós na revista luso-brasileira *Atlântico* referindo-se aos anos finais da década de 20 e primeiros da de 30: “Nesse tempo entre nós, as figuras representativas do mundo literário brasileiro eram, além de Catulo, Olavo Bilac e Coelho Neto; Coelho Neto o cinzelador, o artista da prosa... Dizia-se isto com uma carga mais ou menos enfática de adjetivação classificante, e era como se se dissesse: eis todo o Brasil literário contemporâneo”.²

O jornal literário *O Diabo*, de ampla divulgação nos meios literários e artísticos do país e pioneiro na divulgação sobretudo dos romancistas brasileiros nordestinos, que tão profunda e decisiva influência iriam exercer no neo-realismo português, publicou, em 1937, com grande relevo, nas suas páginas centrais, uma série de apresentações da poesia brasileira, transcrevendo poemas dos que considerava os maiores poetas brasileiros. Na primeira e mais significativa dessas apresentações, os leitores puderam apreciar um poema de Catulo ao lado de poemas de Cláudio Manuel da Costa, Tomás A. Gonzaga, Gonçalves Magalhães, Joaquim Manuel de Macedo, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho, Laurindo Rebelo, Gonçalves Dias e Olavo Bilac. A síntese era verdadeiramente prestigiante e significativa, e não passou despercebida.

Para além destes indicadores gerais de popularidade, outros mais específicos facultavam as bases para uma reputação glorificante, proveniente dos escritores e homens públicos que costumam fazer opinião, pelo menos a opinião social. Assim:

João de Barros escreveu no *Diário de Notícias*, de Lisboa, em 4 de Maio de 1939 um artigo lisonjeiro para o poeta, que passaria depois a ser incluído nas edições brasileiras de Catulo, a propósito da construção da sua estátua, então em projecto: “O monumento que projectam levantar-lhe não consagrará apenas um poeta brasileiro. Mas também um poeta que sabe revelar e expressar anseios, ímpetos, devoções, prantos, vitórias e mágoas da Humanidade de todas as Pátrias”

1. *Seara Nova*, Ano VIII, 22 de Agosto de 1929, p. 109.

2. *Atlântico*, Nova Série, nº 2, Setembro de 1946.

Júlio Dantas, ainda no esplendor das honras e veludos da Academia das Ciências de que era festejado presidente (e que viria a conhecer a adversão dos modernistas portugueses que o transformaram em verdadeiro bode expiatório do passadismo, um tanto à maneira de Coelho Neto em relação aos seus colgas brasileiros) afirmava enfático e peremptório “o original sentimento do amor e da mulher há-de tornar imortal esse Catulo, que é muito maior do que os seus admiradores supõem”³.

E no mesmo tom laudatório outros se esmeram: Malheiro Dias: “É um encanto ouvir Catulo dizer os seus formidáveis poemas”; Trindade Coelho: “o lirismo da religião, do lar, da natureza acolhe-se em ritmo e perfume”; Branca de Gouta Colloço: “Catulo deveria ser ídolo de toda a colectividade brasileira. Os seus contemporâneos deviam antecipar-se à posteridade, na glorificação que o destino reserva a esse poeta”; Antônio Botto: “para mim o maior poeta popular de todo o Brasil”; Sousa Costa: “É o poeta máximo da natureza. Os versos de Catulo deveriam dizer-se ao ar livre, pés na terra e olhar no Céu”; Agostinho de Campos: “Catulo da P. C. é um dos raros compositores de baladas de que possa orgulhar-se com justo motivo a nossa literatura de aquém e de além-mar”. E, em geito de apoteose, remata Forjaz Sampaio: “Vindo ao Brasil, vi Catulo e vi tudo”.

Não admira pois que Alberto e Serpa, ao elaborar a sua antologia de *As Melhores Poesias Brasileiras*, que em 1943 apresentou ao público português a síntese mais completa e estruturada da poesia do Brasil, o tenha assinalado, porque, segundo a sua opinião, “injustiça seria esquecer o nome de Catulo da P. C., poeta sem escola e digno de muitas palmas enquanto acompanhou em voz baixa o choro do seu violão sertanejo”⁴.

Em paralelo com a opinião destes escritores, a aceitação popular decorava e recitava os seus versos, como me confirmou Luís Forjaz Trigueiros, recentemente, contando como no seu tempo de jovem se recitavam os poemas de Catulo nos sertões de família.

Não faltavam, por isso, as edições brasileiras das obras de Catulo nas bibliotecas portuguesas, como se pode verificar ainda hoje na Biblioteca Nacional de Lisboa (9 títulos) e na Biblioteca Municipal do Porto (8 títulos).

Contudo, em flagrante contraste com o tom grandiloquente dos

3. Os testemunhos que aqui transcrevemos estão inventariados, com outras, de autores brasileiros em “Apreciações sobre Catulo Cearense” de *Poemas Bravios* 2ª edição (Rio, Castilho, 1926) e de *Um Caboclo Brasileiro*, Rio, A Norte, s. d.

4. Lisboa, Portugalia, 1943.

louvores, algumas omissões ou críticas desfavoráveis pronunciavam já a mudança das preferências do público e o esquecimento futuro. É que as críticas favoráveis provinham mais de atitudes sociais de simpatia ou de vontade de fomentar o luso-brasileirismo, que de fundamentadas análises literárias ou outras.

Nem os bons críticos se ocupavam de Catulo, nem os editores se abalçaram a qualquer edição das suas obras, nem as melhores revistas, como a *Atlântico* e, mais tarde, a *Brasília* se ocuparam do poeta do sertão, o mesmo contecendo com as secções literárias dos principais jornais, tais como o *Diário de Lisboa*, o *Diário de Notícias* ou o *Diário Popular*. O poeta era mais objecto de informação e louvor que de opinião.

Alguns mais lúcidos contestaram o seu sucesso poético ainda durante o período do apogeu, e outros críticos não o pouparam, posteriormente: José Osório de Oliveira, por exemplo.

Com efeito, na sua *História Breve da Literatura Brasileira*⁵ de 1939, a propósito do sertão, no capítulo "Os descobridores do sertão" referente a Euclides da Cunha, e em comentário a uma opinião de Monteiro Lobato dizendo que o caboclisto outra coisa não era senão uma renovação do indianismo, Osório comentava a afirmação de que essa corrente ainda iria certamente provocar no futuro, entre outras coisas, a elaboração de uma ópera. No presente, acrescentava: "Deu, pelo menos, aos portugueses (e não é pequeno mal) a idéia falsa de que o Brasil autêntico é o dos versos de Catulo Cearense, aliás curiosos e muitas vezes belos, mas que nem se quer exprimem a verdadeira psicologia do sertanejo e o verdadeiro sertão, como o faz a poesia, popular e de verdade, recolhida por Leonardo Mota no volume *Cantadores*".

Vitorino Nemésio, que regia a cátedra de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, depois de um primeiro tempo o entusiasmo resultante do clima geral de simpatia, então generalizado, nunca deixou de se revelar muito crítico em relação ao artificialismo dessa poesia sertaneja recriminando-lhe tanto a idealização urbana da realidade rural como o postigo da linguagem poética e cabocla.

Assim, na apresentação dum volume de poesia de Zita Cortes Rodrigues, em 1974, também de poesia sertaneja, declara: "Não deliro com a poesia hábil, convencional de Catulo da Paixão Cearense, que tanto seduz Zita (Aizul). Talvez por ter vivido um pouco no Ceará a medir a distância que vai da genuína poesia dos violeiros nordestinos à prestigiatadora festa do afilhado prenominal do grande

5. 5ª ed., Lisboa, Verbo, p. 99

escritor latino. Os artifícios lexicais e poéticos, semi-dialectais, de **Catulo Cearense prejudicam os seus ingâveis flagrantes de certos aspectos sertanejos e praieiros, da vida brasileira, dados com um cômico e lírico sentido dos contrastes de campo e cidade.**

Mas, confesso, que ainda pouco iniciado na realidade do Brasil, também vivi a minha hora de sedução pelo **jogral sortilego**".⁶⁶

Jacinto do Prado Coelho, outro mestre da historiografia e crítica literária, haveria de sistematizar e catalogar com a maior sensatez e equilíbrio o negativo e o positivo de Catulo, no que podia ser a síntese da crítica responsável portuguesa, ao escrever no seu *Dicionário de Literatura*: "Foi uma figura popular no Brasil, por compor, ao som do violão, poemas em que imitava (de modo bastante artificial, aliás) a fala do matuto. Nesses poemas, lembrava o sertão, a sua paisagem, a sua gente /.../ A sua poesia tem muitas fraquezas, mas atinge, algumas vezes, comovente simplicidade."⁶⁷

Como se pode concluir, apesar dos elogios das personalidades mencionadas, foi a opinião dos críticos objectivos como José Osório ou Jacinto do Prado Coelho que prevaleceu. Aliás, em consonância com o ocorrido no espaço brasileiro, onde a louvação de Coelho Neto, Alberto de Oliveira, Afrânio Peixoto, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Sérgio Buarque ou Alceu Amoroso Lima não foi suficiente para abafar a voz triunfante da crítica do mesmo Alceu negando-lhe o título de "poeta máximo da raça", de Agripino Grieco, ou de Wilson Martins, entre outros.

Na explicação deste fenómeno paradoxal, Wilson Martins⁸ chama a atenção para o modo como foi ultrapassada pelos Modernistas a sua primeira rejeição do regionalismo, proveniente de Valdomiro da Silveira, pois o voltaram a aceitar ampliando-lhe o âmbito e recuperando-o numa ampla tradição folclórica. Situando nele o sucesso de Catulo mostrou como o seu sucesso era demasiado o sucesso do regionalismo. Mas, porque isso não foi percebido, e porque faltou sentido crítico na promoção do poeta, ao mesmo tempo que superabundou o enaltecimento social, o resultado foi um posterior esquecimento do autor do "Sertão em Flor", tão rápido como imerecido, e mais uma suspeita de menoridade e inconsistência do regionalismo, igualmente injusto.

Restringindo-nos ao caso português, em nosso entender duas razões maiores explicam o sucesso de Catulo em Portugal: a limitada e, por vezes, confusa informação desse tempo sobre os escritores

6. Zita Aizul, *Antologia de Poemas Matutos*, Porto, 1974.

7. 3ª ed., Lisboa, 1984.

8. *O Modernismo*, 2ª ed., São Paulo, Cultrix, 1967.

brasileiros, e o ambiente de exaltante nacionalismo, então vivido, propícios à aceitação de sentimentos afins.

Para o esquecimento, basta lembrar a fragilidade e duvidosa autenticidade do seu projecto poético.

Notemos, antes de mais, que era muito fácil na época apresentar em terras lusas um poeta ou um romancista como notável, embora no seu país não fosse reconhecido como tal, acontecendo ouvir-se mais freqüentemente a voz da imprensa sensacionalista que a dos críticos, dado o limitado conhecimento da autêntica literatura brasileira. Não existindo termos de comparação suficientes, em número e qualidade, os equívocos eram freqüentes.

Dessa situação, e da inversa relativamente aos escritores portugueses no Brasil, se queixam intelectuais dos dois países.

No caso português, podemos avaliá-la a partir dos testemunhos autorizados de figuras exponenciais dos meios literários, em breve síntese que vai do final do século passado até aos anos 50 deste século.

Apesar da criação da cadeira e Estudos Brasileiros na Universidade Clássica de Lisboa (decidida oficialmente em 1916 mas só activa a partir de 1923)⁹, foi na década de 50 que, verdadeiramente, a situação sofreu melhoria, sensível, com a intensificação dos estudos em Lisboa, a introdução da cadeira na Universidade de Coimbra em 1957 (para funcionar a partir de 1960) e, depois, na Universidade do Porto, nas extensões universitárias do Funchal e Faro e na Universidade dos Açores.

Em 1896, Valentim de Magalhães, que nesse ano editava em Portugal uma obra de divulgação dos autores brasileiros afirma: "os livros brasileiros não são lidos em Portugal; o movimento literário transatlântico é completamente desconhecido cá. Ao passo que lá se lêem as mais insignificantes obras portuguesas e são familiares os nomes de todos os escritores portugueses, no país irmão desconhecem-se mesmo os mais importantes e os mais notáveis.

O Brasil é o melhor mercado dos livros lusitanos, ao passo que Portugal em nada auxilia o consumo de edições brasileiras /.../ Os próprios homens de letras em Portugal pouco conhecem da literatura brasileira depois de Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Alencar".¹⁰

Em 1900, o jornalista português Fran Pacheco, que bem conhecia o Brasil, especialmente o Maranhão, corrobora: "No meu país os

9. Arnaldo Saraiva, *Meio Século de Estudos Brasileiros na Universidade Portuguesa*, Porto, 1974.

10. *A Literatura Brasileira*, Porto, A. Maria Pereira, 1896, p. p. 9-12.

livros brasileiros, ainda que isto pareça inacreditável, só aparecem por encanto. Os comendadores limitam-se a colher e transportar, quando a velhice os assalta os produtos do açúcar, do café, do xarope e da borracha, esquecendo-se de que, por aqui, também viceja e é florescentíssima a planta intelectual. Há culpa neste contrassenso, de parte a parte, de Portugal e do Brasil.¹¹

Um quarto de século mais tarde, Carlos Malheiro Dias,¹² em 1926, continua a lamentar a mesma lacuna e sugere que se elabore para uso nas escolas portuguesas um livro semelhante ao *Nossa Terra e Nossa Gente*, de Afrânio Peixoto para que nele se intercalem textos selectos da literatura brasileira.

Cerca de 10 anos mais tarde, em 1934, José Osório de Oliveira numa carta publicada em *O Diabo* rectificando uma notícia que o dava como autor iminente de um novo livro sobre o Brasil, lamenta que não conheçam a sua obra sobre a divulgação dos autores do país irmão e desabafa: “seria loucura publicar novo livro com estudos sobre o Brasil /.../ Eu não estou cansado de estudar o Brasil: quando me pedem colaboração para uma revista escolho sempre qualquer tema brasileiro, e ainda outro dia, convidado a falar pela rádio, lembrei-me de dar aos portugueses uma “informação do Brasil”. Mas a verdade é que tenho a impressão, quando falo do Brasil, de estar pregando no deserto: ninguém me ouve”.¹³

O mesmo José Osório voltaria ao assunto várias outras vezes, uma delas em 1940, em artigo famoso pelo seu amor ao Brasil e pelo desencanto a que tinha chegado nessa tarefa pioneira de fomento do luso-brasileirismo. Intitulava-se o artigo “Adeus à Literatura Brasileira”, foi publicado no *Diário de Lisboa* e era um comentário ao inquérito que então fazia a *Revista Académica*, do Brasil sobre os dez melhores romances brasileiros, inquérito esse que também foi extensivo a Portugal.

Começa por confessar não saber qual a aceitação obtida por tal consulta, acrescentando: “Não sei quantos responderam, e imagino mal como poderiam tê-lo feito em consciência, pois que muito poucos serão os portugueses conhecedores de toda a literatura brasileira. Se os inquiridores perguntassem quais são os dez melhores romances brasileiros contemporâneos, ainda podia haver meia dúzia de escritores portugueses capazes de responder. Mesmo assim, já vimos um crítico nosso, e dos melhores, mostrar que apenas conhecia José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos e Érico Veríssimo”.¹⁴

11. *O Senhor Sílvio Romero e a Literatura Portuguesa*, Maranhão, 1990, p. 10.

12. Prefácio a *Literatura Brasileira*, de José Osório de O., Lisboa, Lumen, 1926.

13. *O Diabo*, Ano I, n.º 10, 2 de Setembro de 1934.

14. *Diário de Lisboa*, 16/6/1940, p. 3.

Inconformado com esse desconhecimento, Adolfo Casais Monteiro, em 1936, aponta uma das principais causas desse desconhecimento, a inexistência de edições portuguesas de autores brasileiros: “Ora, nenhuma revista, nenhum jornal, nenhuma casa editora há em Portugal que dedique à expansão da cultura brasileira uma actividade regular e coerente. Quando um artigo desperta em qualquer leitor interesse por determinado livro brasileiro, há noventa e nove probabilidades contra uma de que esse livro se não encontra em nenhuma livraria portuguesa.

Por outro lado, só excepcionalmente um livro brasileiro chega às redacções das revistas e jornais portugueses”.¹⁵

O lamento de Casais Monteiro parece que não caiu em cesto roto, porque a mesma revista *O Diabo*, onde Casais o publicou, iniciou em 1938 uma série de sínteses informativas, sobre a literatura brasileira sendo Afonso de Castro Senda o seu redactor. Tais informações, intituladas, “Panorama literário do Brasil”, embora animadas da melhor boa vontade, não deixavam de ter lacunas, assentando, não poucas vezes, em critérios muito frágeis.

Não tardou que o polémico Carlos Lacerda se insurgisse contra “o famoso intercâmbio”, acusando Senda de falta de critério: “Quando, então, se abre um jornal português à consagração de manipulansos brasileiros é uma coisa comovedora e revoltante”.¹⁶

Senda acusou a estocada, replicou em artigo posterior classificando Lacerda de confuso e defendendo-se das acusações, mas o certo é que, pouco depois, deixou de publicar mais informações, no que não ficaram os leitores a ganhar muito, porque levaria muito tempo a ter uma substituição adequada.

Esta pequena polémica teve, contudo, um mérito apreciável, o de chamar a atenção para as conseqüências nefastas de uma informação não sistemática, nem de qualidade: autores menores eram apresentados como importantes, autores de primeira grandeza eram desconhecidos.

Aliás esta queixa vem de traz. Já em 1917 Fran Pacheco ironiza contra esses “gênios no Brasil”¹⁷, Alberto de Oliveira queixa-se, em 1944, que “romancistas eminentes como Machado de Assis” sejam desconhecidos em Portugal¹⁸, e é precisamente contra Catulo, irmão com Coelho Neto e Bilac, que protesta Carlos Queirós: “era como se se dissesse: eis todo o Brasil literário contemporâneo. Entretanto, Castro Alves e Machado de Assis, por exemplo, eram nomes

15. *O Diabo*, 26/12/1936.

16. *O Diabo*, 18 de Setembro de 1938.

17. *A Escola de Coimbra*, Lisboa, 1917, p. 130

18. *Atlântida*, Lisboa, p. 298.

que não diziam nada /entre 1926 e 1930/ ao público português, eram figuras que não representavam nem um estado, sequer uma cidade. Só raros os tinham lido, raríssimos apreciado, e o grande público, se então os ignorava, continua /em 1946/ a ignorá-los.¹⁹

Não vale a pena alongar mais a lista dos testemunhos, elucidando sobre o deficiente conhecimento da **Literatura Brasileira em Portugal** na primeira metade do século. Felizmente que a década de 40 foi a da viragem positiva nas relações luso-brasileiras, não só pela abundante informação que nela se iniciou, mas também pela acção decisiva da editora "Livros do Brasil" que nessa década começaria a editar os grandes romancistas brasileiros: Lins do Rego, Graciliano, Amado, Érico Veríssimo etc. Procedimento esse que seria acompanhado pelas editoras Bertrand e Ulisseia.

Tal situação um tanto caótica, aliada ao grande entusiasmo que então grassava no Brasil, ao ponto de serem concedidas a Catulo as honras da construção de um busto em vida, contribuíram em muito para a sua popularidade excessiva e desproporcionada em Portugal.

O outro factor explicativo, que ainda merece mais a nossa ponderação, até pelo que ele pode esclarecer acerca da própria natureza do caboclisto, do sertanismo, do regionalismo, é o do surto nacionalista que grassava em Portugal desde o início do século, e que serviu de caldo de cultura para aceitação da poesia regionalista de Catulo.

Com efeito, o clima social e a mentalidade colectiva foram bastante influenciados nos anos finais do século XIX e nos primeiros do século XX por acontecimentos socialmente muito significativos: o *ultimatum* inglês de 1890 anulando o chamado mapa cor de rosa unindo Angola a Moçambique, a celebração de centenários de grande adesão patriótica e popular (o de Camões em 1880, o do infante D. Henrique em 1894, o de Santo António em 1895, o da descoberta do caminho marítimo para a Índia em 1899), por fracturas sociais, culturais e políticas tão grandes como as das Campanhas da África de 1894-1897, do regicídio em 1908, a da proclamação da República e Lei da Separação em 1910, das aparições de Fátima em 1917, a da instauração do Estado Novo em 1926.

Aprofundou-se, assim, na sociedade portuguesa, um sentimento de crise (bem simbolizado no grupo dos "vencidos da vida), com as conseqüentes reacções nacionalistas, regionalistas, religiosas, sebastianistas, tanto na política como na literatura ou na vida social.

Em literatura traduziu-se esse estado de espírito pelo neo-garretismo e pelo integralismo, completado, de certa maneira, pelo saudo-

19. *Atlântico*, Nova série, nº 2, Setembro 1946.

sismo e pelo ideário da Renascença Portuguesa, levando mais longe a herança do romantismo e do simbolismo de Junqueiro e de Antônio Nobre.

É o tempo dos estudos lingüísticos e folclóricos de Adolfo Coelho, Teófilo ou Leite de Vasconcelos, da poesia de Antônio Sardinha, de Alberto, de Monsarz, de Afonso Lopes Vieira ou de Antônio Correia de Oliveira.

É o tempo de abundantes narrativas regionalistas de Aquilino Ribeiro, do Conde d'Aurora, de Antero de Figueiredo e de tantos outros.

Bem típico deste estado de espírito é o facto da publicação, em 1926, por Albino Forjaz Sampaio, de um opúsculo intitulado *Porque me Orgulho do meu País*, imitando o modelo brasileiro, do Conde Afonso Celso, de 1901 *Porque me Ufano do meu País*, e que conheceu várias edições de muitos milhares, abundantemente distribuídas aos alunos das escolas de todos os graus.

Como não ser regionalista nesta época em que se verificava já um tímido regresso à natureza, não à maneira romântica, mas de tropismo já ecologista, através das festas da árvore instituídas no princípio do século?

Como não aceitar uma poesia regionalista que celebrava a natureza e os valores nacionais em termos tão ingênuos e patrióticos, numa hora em que se apelava para as energias adormecidas da nação a fim de superar a hostilidade estrangeira e vencer a crise?

Neste contexto, há, pois, lugar para nos interrogarmos tanto sobre as ambigüidades que envolveram a popularidade de Catulo, como sobre a própria natureza do regionalismo que ele e outros cultivaram e cultivam.

Mas ... não serão, por ventura, esses equívocos, intrínsecos ao próprio regionalismo? Matéria é essa para exposição mais alargada e debate mais profundo.

Não deixo contudo, em jeito de conclusão, de formular algumas interrogações originadas neste caso de popularidade explicável mas imerecida, sobretudo com a finalidade de afastar do regionalismo novas acusações agravando velhos preconceitos.

Pesam sobre o regionalismo demasiados preconceitos e juízos desfavoráveis, a meu ver injustos, mas de certo modo merecidos pelo atraso e descaso com que ele demora a elaborar a sua própria teoria.

Assim, pergunto:

- 1 — Regionalismo é só uma temática, igual a outras formas de conteúdo literário, e como elas sujeita aos mesmos critérios, ou é também

um código de valores? Que valores?

- 2 — No jogo dos opostos, e se regionalismo for uma temática, ele opõe-se a quê? urbanismo, **nacionalismo**, **universalismo**? ou não é dijunção de nenhum destes termos?
- 3 — Ao regionalismo é indiferente a amplitude do circuito comunicativo literário em que se processa, ou está ele ligado a um determinado espaço comunicativo?
- 4 — Se Catulo da Paixão Cearense não fosse regionalista, conheceria o sucesso e o esquecimento que teve?
- 5 — Se Guimarães Rosa ou Graciliano servissem de teste, bastava qualificá-los de regionalistas, ou era necessário adjectivá-los ou desagrává-los para que tivessem passaporte literário?